

Sobre a origem da linguagem em Nietzsche e E. Von Hartmann

On the origin of language in Nietzsche and E. Von Hartmann

CÉLIA MACHADO BENVENHO¹

Resumo: Dentre as reflexões de Nietzsche sobre a linguagem, interessa-nos, aqui, tratar de sua primeira concepção de linguagem, que aparece no texto *Sobre a Origem da Linguagem*, apresentado no inverno de 1869/1870, assim como investigar a influência que a leitura da obra *Filosofia do Inconsciente*, de E. von Hartmann, teve para essa primeira concepção de linguagem. Nietzsche, assim como Hartmann, compreende vida como princípio criador (instintivo e inconsciente) a partir do qual se desenvolvem tanto a linguagem quanto o intelecto humanos. Logo no início de seu texto, Nietzsche diz que a linguagem não é consequência de trabalho consciente, individual ou coletivo. Apresenta, então, uma série de ideias agrupadas em três breves seções, o que conduzirá à tese da origem instintiva da linguagem. Na primeira seção, trabalha duas ideias principais: “Todo pensamento consciente só é possível com a ajuda da linguagem”, evidenciando a relação entre pensamento consciente e linguagem; e “Os pensamentos filosóficos mais profundos encontram-se prontos na linguagem”, que evidencia a relação entre pensamento filosófico e linguagem. Na segunda seção, ele trabalha a questão do desenvolvimento do pensamento consciente como prejudicial para a linguagem; e, na terceira seção, apresenta a tese da “linguagem como atividade inconsciente e instintiva”. Ora, admitir que todo pensamento consciente só é possível com a ajuda da linguagem implica admitir que a linguagem seria pré-condição para o surgimento do pensamento consciente e não a consequência deste. Do mesmo modo, se o pensamento consciente só é possível pela linguagem, o fundamento da linguagem não pode ser estabelecido conscientemente, já que precisaríamos da própria linguagem para isso. Consequentemente, se a linguagem não pode ser considerada produto da reflexão consciente, tanto para o indivíduo quanto para o todo, resta, como dirá Nietzsche, concordando com Hartmann, considerá-la “como um produto do instinto.”

Palavras-chave: Linguagem. Nietzsche. Hartmann. Instinto. Inconsciente.

Abstract: Among Nietzsche's reflections on language, we are interested, here, in dealing with his first conception of language, which appears in the text *On the Origin of Language*, presented in the winter of 1869/1870, as well as investigating the influence that reading of the work *Philosophy of the Unconscious*, by E. von Hartmann, had for this first conception of language. Nietzsche, like Hartmann, understands life as a creative principle (instinctive and unconscious) from which both human language and intellect develop. Early in his text, Nietzsche says that language is not the consequence of conscious, individual or collective work. It then presents a series of ideas grouped into three brief sections, which will lead to the thesis of the instinctive origin of language. In the first section, he works on two main ideas: “All conscious thinking is only possible with the help of language”, highlighting the relationship between conscious thinking and language; and “The deepest philosophical thoughts are found in language” which highlights the relationship between philosophical thought and language. In the second section, he addresses the issue of the development of conscious thinking as detrimental to language; and, in the third section, he presents the thesis of “language as an unconscious and instinctive activity”. Now, admitting that all conscious thought is only possible with the help of language implies admitting that language would be a precondition for the emergence of conscious thought and not the consequence of it. Likewise, if conscious thinking is only possible through language, the

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: celia.benvenho@gmail.com

foundation of language cannot be consciously established, since we would need language itself for this. Consequently, if language cannot be considered a product of conscious reflection, both for the individual and for the whole, it remains, as Nietzsche will say, agreeing with Hartmann, to consider it “as a product of instinct.”

Keywords: Language. Nietzsche. Hartmann. Instinct. Unconscious.

Dentre as reflexões de Nietzsche sobre a linguagem, nos interessa aqui tratar de sua primeira concepção de linguagem que aparece no texto *Sobre a Origem da Linguagem* apresentado no inverno de 1869/1870, como capítulo introdutório do curso “Lições sobre gramática latina”, em que desenvolve a sua primeira concepção de linguagem e manifesta interesse por diferentes teorias da linguagem da época. Neste, Nietzsche discute e analisa diversas teorias antigas e modernas sobre a gênese da linguagem a partir das ideias tanto da *Filosofia do Inconsciente*² de E. von Hartmann, como da *História da Ciência da Linguagem*, de Theodor Benfey³.

O contexto em que se encontrava Nietzsche na produção desse texto era o de elaboração de *O Nascimento da Tragédia (1870-1871)* e dos primeiros semestres de sua atividade docente como professor de filologia greco-romana na Universidade da Basileia (Suíça). A quantidade e variedade de leituras e produções que Nietzsche fez neste período são surpreendentes, mais ainda o modo crítico como ele faz essas leituras e escritos. Um exemplo disso é a sua relação com a filosofia de Schopenhauer: Nietzsche estuda Schopenhauer em 1865; entre 1866 e 1868 faz a leitura da *História do materialismo* de Lange e, neste meio tempo, em 1866 escreve o texto *Zu Schopenhauer*, onde já apresenta uma crítica à metafísica schopenhaueriana. Do mesmo modo, a crítica a Kant também já aparece em um conjunto de notas para uma dissertação de 1867/1868, cujo título seria “Sobre o conceito de orgânico desde Kant”, que pode ser encontradas nas anotações de Nietzsche *Zur Teleologia*.

Nos interessa aqui investigar o quanto a obra de Hartmann (1842-1906) *Filosofia do Inconsciente*, publicada em 1868, contribui para as primeiras reflexões de Nietzsche sobre a linguagem, especialmente a tese da linguagem como um produto de uma “atividade espiritual inconsciente”, e, conseqüentemente, “que todo pensamento humano consciente, só é possível com a ajuda da linguagem”.

Nietzsche, influenciado pela leitura de Hartmann, inicia seu texto com a tese de que a linguagem não é consequência de um trabalho consciente, seja individual ou coletivo. Apresentará, então, uma série de ideias agrupadas por ele em três

² Em novembro de 1868, o livro de Eduard von Hartmann, *Filosofia do Inconsciente*, com o subtítulo “Resultados especulativos de acordo com o método indutivo da ciência física”, foi publicado.

³ Segundo CAVALCANTI (2005, p.41), Nietzsche emprestou a obra de Theodor Benfey da Biblioteca da Basileia, em setembro de 1869, mas não consta nenhuma referência direta à obra em suas correspondências ou póstumos do período.

breves seções, que conduzirá à tese de uma origem instintiva da linguagem. Na primeira seção trabalha duas ideias principais: “Todo pensamento consciente só é possível com a ajuda da linguagem” (US, p. 185), evidenciando a relação entre o pensamento consciente e a linguagem; e, “Os pensamentos filosóficos mais profundos encontram-se prontos na linguagem”, que evidencia a relação do pensamento filosófico com a linguagem. Na segunda seção, ele trabalha relação do desenvolvimento do pensamento consciente para com a linguagem; e, na terceira seção, ele apresenta a tese da “linguagem como atividade inconsciente e instintiva”.

É importante ressaltar que Nietzsche não desenvolve isso de modo detalhado em seu texto, o que torna difícil compreender suas reflexões sobre a linguagem neste período sem o recurso das fontes. Quando ele apresenta, por exemplo, uma caracterização do instinto, faz um resumo das ideias desenvolvidas com detalhes e exemplos por Hartmann, em seu capítulo “O inconsciente no instinto”, sem fazer referência específica a ele.

Hartmann apresenta como ponto de partida para a sua investigação, uma questão já trazida por Kant em sua *Antropologia* § 5: “Ter ideias, e mesmo assim não ter consciência delas, - parece haver uma contradição nisso; pois como podemos saber que as temos, se não somos conscientes delas?” (Kant, *Antropologia* § 5 (p. 135) apud HARTMANN, 1893, p. 1). Já na introdução de sua obra Hartmann adverte do trabalho árduo e prolongado que será explorar esse terreno desconhecido que é o inconsciente, um tesouro escondido nas profundezas das montanhas, tão bem exploradas em sua superfície (consciência), com colheitas ricas e inesperadas, mas desconhecida em suas profundezas.

Nietzsche também faz uma alerta nas primeiras linhas de seu texto, que descobrir a origem da linguagem não será uma tarefa simples, tanto que começa o texto com “enigma: dizer com certeza como a origem da linguagem não deve ser concebida.” (US, p. 222)⁴. Ao terminar o texto percebemos que o enigma continuará e o silêncio aparece como a melhor solução para o mesmo, pois, segundo Nietzsche, para pensar a origem da linguagem precisamos da própria linguagem, talvez por isso sua origem deva ser pensada enquanto um enigma. “Os povos silenciam sobre a origem da linguagem: eles não podem imaginar o mundo, os deuses e o homem sem a linguagem”. (US, p. 223; KGW 11/2, 187).

Segundo Nietzsche, essa incapacidade de explicar a origem da linguagem levou os homens à conclusão de que a linguagem só poderia ser explicada em termos de intervenção divina: uma “dádiva direta” de Deus. A origem divina na formação da linguagem é questionada por Nietzsche tomando como base a estreita relação entre pensamento e linguagem. Ora, se o poder dos homens de dar nome às coisas é confiado por Deus e o homem expressa a sua relação com as coisas nomeando-as,

⁴ Doravante US. A paginação aqui utilizada para *Vom Ursprung der Sprache (Sobre a Origem da Linguagem)*, refere-se a tradução feita por Claudia Crawford no Apêndice A

como pensar a origem da linguagem, se o que possibilita esse pensar já pressupõe uma linguagem, ou seja, é decorrente de uma visão de mundo, do homem, estruturada a partir da linguagem?

Enquanto a tentativa de explicar o "enigma" da linguagem pela localização de uma origem divina se mostra insuficiente, o convencionalismo fornece outra explicação possível identificando a origem da linguagem como um produto da concordância humana. Nietzsche menciona alguns teóricos da linguagem que sustentaram a tese convencionalista: O matemático Maupertuis (1697-1759) que toma como base o contrato para explicar a origem da linguagem; De Brosses (1709-1777), que defende a relação da linguagem com a natureza das coisas; Lord Monboldo (1714-1799), que parte da linguagem como atividade puramente humana, mas considerando-a como o resultado da reflexão consciente.

Nietzsche vai refutar as teorias que explicam a origem da linguagem com base num contrato/convenção⁵, pois isso pressupõe uma deliberação consciente para a formação da linguagem. Se o pensamento consciente só é possível pela linguagem, o fundamento da linguagem não pode ser estabelecido conscientemente, já que precisaríamos da própria linguagem para isso.

Tanto Hartmann como Nietzsche, recorrem à mesma citação de Schelling na Filosofia da Mitologia (Euvres, 2ª Parte, vol I) para apresentar o fundamento inconsciente da linguagem em contraposição com as teorias que explicam o surgimento da linguagem a partir de uma base consciente. Enquanto Hartmann inicia o capítulo "O inconsciente na origem da linguagem", com a citação de Schelling, com o objetivo de apresentar a temática do capítulo: a base inconsciente da linguagem, Nietzsche a utiliza na conclusão de seu texto Sobre a origem da linguagem para reforçar a tese da linguagem como uma atividade instintiva:

Dado que sem linguagem não somente nenhuma consciência filosófica, mas, sobretudo, nenhuma consciência humana seria pensável, então o fundamento da linguagem não pode estar na consciência. E, quanto mais nos aprofundamos nela, mais claramente parece que sua invenção supera em muita profundidade as produções mais conscientes. É com a linguagem como com os seres orgânicos; pensamos que os vemos entrar cegamente na existência e, ao mesmo tempo, não podemos duvidar da insondável intencionalidade de sua formação, mesmo nos mínimos detalhes. (SCHELLING apud HARTMANN, 1893, p. 293; US, p. 224).

Duas questões aparecem aqui: 1) Que tipo de linguagem possibilita o

⁵ Claudia Crawford observa que, embora Nietzsche rejeite a origem da linguagem tendo como base o contrato/convenção, este continua sendo um dos fundamentos do funcionamento da linguagem consciente no desenvolvimento de sua teoria da linguagem: "O reconhecimento de que o uso consciente da linguagem sempre pressupõe concordância entre uma comunidade de pessoas, é perceptível em seus ensaios *O Pathos da Verdade* (1872) e *A Verdade e a Mentira num Sentido extra-moral* (1873)". (Cf. CRAWFORD, 1988, p. 132).

pensamento consciente? e, 2) Qual o fundamento da linguagem, já que não é consciente?

A primeira questão é respondida do mesmo modo, tanto por Hartmann como por Nietzsche: É a linguagem gramaticalmente estruturada que possibilitaria o pensamento consciente. Hartmann trabalha essa questão no capítulo VI: “O inconsciente na origem da linguagem”, em que defende a ideia de que é possível identificar em todas as linguagens humanas mais desenvolvidas uma linguagem gramaticalmente estruturada: com sujeito e predicado, sujeito e objeto, substantivo, verbo e adjetivo, e as mesmas condições para a construção de sentenças. (HARTMANN, 1893, p. 293). Isso o leva a conclusão que todo pensamento consciente só é possível pela linguagem; ou seja, é a linguagem que possibilita o pensamento consciente e não a consequência deste.

Nietzsche acompanha Hartmann quando este afirma que o poder de significação do pensamento consciente, pressupõe uma linguagem gramaticalmente estruturada em contraste com uma linguagem sonora animal simplificada, desprovida das formas e estrutura gramaticais. Diz Nietzsche: “Inteiramente impossível um pensamento tão perspicaz com uma linguagem de sons animais: o prodigioso e profundamente significativo organismo”. (US, p. 222).

Se todo pensamento consciente só é possível pela linguagem, todo pensamento filosófico, como um pensamento consciente, também necessitará de formas gramaticais. Essa estreita relação entre o pensamento filosófico e a linguagem já foi indicado por Hartmann (p. 294): “quando o espírito humano se espanta pela primeira vez e começa a filosofar, já tem disponível diante de si uma linguagem equipada com uma grande riqueza de formas e conceitos”.

Se a linguagem não pode ser considerada um produto da reflexão consciente, tanto para o individual como para o coletivo, resta, diz Nietzsche, considerar a linguagem “como um produto do instinto, como nas abelhas, nas formigas, etc.” (US, p.222) Essa é constatação de Nietzsche na seção três de seu texto em que apresenta a tese da “linguagem como atividade inconsciente e instintiva”, que responde à questão indicada acima sobre o fundamento da linguagem.

Aqui também podemos evidenciar que Nietzsche traz isso diretamente de Hartmann, quando este exemplifica a atividade instintiva com o trabalho das abelhas, em que é visível um instinto comum que unifica todos os instintos individuais de cada abelha em prol da construção da colmeia. Não podemos considerar a linguagem como um produto da reflexão consciente, diz Hartmann (1893, p. 297), tendo em vista sua profundidade especulativa e sua grandeza, assim como sua maravilhosa unidade orgânica, que excede em muito a unidade de uma construção sistemática e metódica. A fundação da linguagem seria obra de quem? De um indivíduo? De um todo?

Ele acrescenta: “Para o trabalho de um indivíduo, a fundação é muito complicada e rica. A linguagem é um trabalho das massas - as pessoas. Para o trabalho consciente de muitos, no entanto, é um organismo demasiado indivisível. Somente uma atividade instintiva, semelhante à que se formou a unidade e articulação orgânica do trabalho das abelhas (solidariedade de instintos), tornou possível a formação da linguagem” (HARTMANN, 1893, p. 298). Embora a diversidade cultural das línguas seja testemunha da incrível variedade e particularidade de formas de expressão da linguagem, o filósofo procura enfatizar a existência de um instinto comum de formação da linguagem constituído pelas mesmas formas linguísticas básicas, inconscientemente pré-formadas, que operam como condição da gênese e desenvolvimento da linguagem.

No capítulo “O inconsciente no instinto”, Hartmann começa caracterizando o instinto “como uma ação intencional sem consciência do propósito” e apresenta três possíveis explicações para a existência de ações instintivas: 1) como mera consequência da organização corporal; 2) como um mecanismo cerebral ou mental previamente disposto pela natureza; 3) como resultado de atividade mental inconsciente. Hartmann vai defender a terceira, “o instinto como uma atividade inconsciente do espírito”, pois, segundo ele, nas duas primeiras a finalidade e os meios são previamente estabelecidos para todas as ações, o que entra em contradição com a própria definição de instinto.

Em seu texto, Nietzsche apresenta uma breve descrição do que entende por instinto, resumindo a argumentação detalhada e com exemplos feita por Hartmann na conclusão do capítulo “O inconsciente no instinto”. Cito Nietzsche:

O instinto não é, contudo, o resultado da reflexão consciente, não meramente a consequência da organização do corpo, não o resultado de um mecanismo, que reside no cérebro, não o efeito de um mecanismo que vem para o espírito de fora, que é estranho a ele, mas a realização mais particular de indivíduos ou das massas, surgindo do caráter. O instinto é um dos núcleos mais íntimos de um ser. (US, p. 223)

Aprofundarei essas negações. Como a primeira: resultado da reflexão consciente já foi trabalhado acima, passo para a segunda: 1) como mera consequência da organização corporal; (a) os instintos são bem diferentes com estruturas corporais similares, como, por exemplo, as aranhas, embora todas tenham o mesmo aparato giratório e vivam em cavidades, um tipo constrói teia radial outro irregular, outro não constrói teias; b) os mesmos instintos aparecem com organizações diferentes, como, por exemplo, o fato de tanto os pássaros, como os macacos, os esquilos, etc. viverem em árvores; ou o espírito migratório que se manifesta em diferentes ordens de animais e com meios diferentes, como água, terra ou ar. Ora, a riqueza e a variedade da manifestação instintiva são provas da

independência dos instintos em relação a uma determinada organização corporal.

2) como um mecanismo cerebral ou mental previamente disposto pela natureza. Esta explicação é refutada por Hartmann, pois pressupõe uma finalidade previamente estabelecida pela natureza e uma organização psíquica no indivíduo que o permita utilizar os meios para alcançar os fins desejados, também já determinados; ou seja, uma ação mecanicamente executada de acordo com regras fixas. O desencadear da ação instintiva pressupõe que um motivo apareça na percepção, indicando que as circunstâncias externas apropriadas, que possibilitam a obtenção do fim desejado pelos meios, estão presentes. Enquanto o motivo não aparece o instinto permanece latente, como ação nos calcanhares.

Passemos então às duas últimas afirmações do parágrafo escrito por Nietzsche sobre o instinto: “a realização mais particular de indivíduos ou das massas, surgindo do caráter”; e “o instinto é um dos núcleos mais íntimos de um ser”. Essas duas questões também são trabalhadas por Hartmann na conclusão do capítulo “O inconsciente no instinto”. Para aprofundar a compreensão do instinto enquanto o núcleo mais íntimo do ser, um mecanismo vital em que as escolhas e atos ocorrem de acordo com a estrutura instintiva própria, buscando garantir, em cada caso, aquilo que é necessário à vida, Hartmann recorre aos impulsos de autopreservação e conservação da espécie que permeia toda criação: “Olhe para a lagarta, que continua a consertar sua teia até sucumbir pela fraqueza; no pássaro, que morre de esgotamento em colocar seus ovos; na inquietação e tristeza de todos os animais migratórios quando impedidos de migrar” (HARTMANN, 1893, p. 114). O instinto funciona como um guia da ação, que age, inconscientemente, em direção a um fim, o de conservação da espécie e da vida: “A atividade instintiva, enquanto ação independente e mais sábia que a consciência, pode ser compreendida como atividade que torna possível a vida”. (CAVALCANTI, 2005, p. 59).

Hartmann complementa que o instinto não responde de um mesmo modo aos diferentes motivos, mas se adapta conforme as circunstâncias e é capaz de grandes modificações e variações que, às vezes, de modo errôneo, são concebidos como se fossem resultantes da reflexão consciente. “O único elemento constante é o propósito inconsciente do instinto; o instinto em si, no entanto, como a disposição dos meios, varia tanto quanto os meios a serem apropriadamente aplicados variam de acordo com as circunstâncias externas” (HARTMANN, 1893, p. 85). Sendo assim, a ideia inconsciente do propósito é o elo indispensável em cada ação instintiva.

Em favor da defesa da existência da atividade instintiva o autor ressalta a existência “de um conhecimento imediato sem mediação da percepção sensível ou da consciência”, um *Hellsehen* (vidência), um conhecimento inconsciente que orientaria a escolha dos meios adequados para a realização de determinados fins. “o instinto é uma disposição consciente dos meios para um fim inconscientemente desejado”. A atividade instintiva é tanto um conhecimento quanto uma ação

associada à realização de fins, um conhecimento imediato e instintivo, capaz de estabelecer uma escolha eficaz dos meios e garantir com eficiência a plena realização do fim estabelecido⁶.

Não seria uma ação intencional do instinto, se fosse uma ação resultante de uma reflexão, ou seja, com consciência do propósito; assim como não é uma ação cega sem propósito, como a explosão furiosa de um animal irritado. Hartmann adverte: “quem pensa que é possível referir todas as ações usualmente chamadas de instintivas à reflexão consciente, na verdade, nega o instinto completamente, e deve, portanto, eliminar a palavra ‘instinto’ de seu vocabulário”. (HARTMANN, 1893, p. 79).

Para Nietzsche, a única maneira de explicar a origem da linguagem é desviar a ênfase de uma busca que identifica a linguagem em termos de suas origens diacronicamente (num certo período de tempo) para uma que a localiza como uma característica operando em um nível sincrônico, ou seja, instintivamente. A linguagem é a característica instintiva e natural da humanidade que é descrita em termos de maternidade e nascimento da criança. Nietzsche aplaude Herder, que usa a figura da mãe para dramatizar a necessidade de linguagem para a humanidade: "A gênese da linguagem é um impulso interior, assim como o desejo do embrião para nascer quando está maduro". (US, p. 224). O parto e a aquisição da linguagem são instintivos e essas duas esferas da existência humana pertencem à mesma ordem de ser: "o homem nasceu para a linguagem". (OL 211; KGW 11/2, 187) A vida humana é a causa da qual linguagem é o efeito.

Mas a evolução da natureza e da linguagem não segue nenhuma intencionalidade, pois as intenções pressupõem consciência ou um ser consciente de tais intenções, uma pressuposição que não pode ser assumida. É por isso que a origem da linguagem está "abaixo" da superfície da consciência, tornando-a insondável. Para Schelling, "quanto mais profundamente penetramos nela, mais definitivamente descobrimos que sua profundidade excede em muito a do produto consciente". A consciência é designada em uma posição secundária e inferior ao instinto.

Referências

⁶ Hartmann cita uma série de exemplos de como a clarividência se manifesta na cooperação de vários indivíduos para um fim inconsciente comum: (101) Camundongos mordem os germes dos grãos colhidos para que não brotem no inverno; os cachorros que costumam comer bastante grama quando estão com vermes, os quais são evacuados junto com a grama não digerida; no tempo frio o esquilo entra em suas lojas com mais diligência, e depois fecha sua habitação; as aves de passagem vão de nossas regiões para terras mais quentes, numa época em que não faltam alimentos, e quando a temperatura é consideravelmente maior do que no período de seu retorno; ou nos anos em que haverá um inverno adiantado, começam a fazer preparativos para sua partida mais cedo do que o habitual; as andorinhas e as cegonhas voltam para casa, percorrendo centenas de quilômetros sobre terras de aparência totalmente diferentes; pombos e cachorros, depois de terem sido virados vinte vezes em um saco e levados para uma região desconhecida, correm para casa em linha reta.

- CAVALCANTI, A. *Símbolo e alegoria: a gênese da concepção de linguagem em Nietzsche*. São Paulo: Annablume; Fapesp. Rio de Janeiro: DAAD, 2005.
- CRAWFORD, C. *The beginnings of Nietzsche's theory of language*. New York: de Gruyter, 1998.
- HARTMANN, E. v. *Philosophie des Unbewussten. Versuch einer Weltanschauung*. Berlin, 1869.
- NIETZSCHE, F. W. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)*. G. Colli e M. Montinari (Hg.). Berlin: Walter de Gruyter, 1999. 15 Bn.
- _____. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)*. G. Colli e M. Montinari (Hg.). Berlin: Walter de Gruyter, 1999. 15 Bn.
- _____. *Fragmentos póstumos (1869-1874)*. Trad. Luis E. de Santiago Guervós. v. I. 2. ed. Madrid: Tecnos, 2010.
- _____. *A visão dionisíaca do mundo, e outros textos da juventude*. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Maria Cristina dos Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Da retórica*. Trad. Tito Cardoso e Cunha. Lisboa: Passagens, 2002.
- _____. *Escritos sobre retórica*. Edição, tradução e introdução de Luis Enrique de Santiago Guervós. Madrid: Editorial Trotta, 2000.
- _____. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. (Org. e Trad. Fernando de Moraes Barros). São Paulo: Hedra, 2007.
- _____. *Curso de Retórica*. Tradução: Thelma L. da Fonseca. In: *Cadernos de Tradução*. São Paulo: 1999.